

A nova aurora: novela maranhense

Astolfo Marques

Indicação editorial e posfácio: Matheus Gato

15cm × 21cm — 208 páginas — 335g

ISBN 978-65-990122-8-0

Os livros da Chão Editora são distribuídos com exclusividade pela Editora 34

Em 17 de novembro de 1889, ocorreu no Maranhão, na cidade de São Luís, um grande protesto popular, majoritariamente de negros, contra o golpe militar que dois dias antes estabelecera a República no Brasil. Os manifestantes acreditavam que o objetivo era destituí-los dos direitos conquistados com a Abolição, cerca de um ano e meio antes, e reescravizar a gente de cor. Quando tentaram invadir e depredar um jornal republicano, uma tropa destacada para proteger o edifício realizou uma descarga de fuzil e, de acordo com números oficiais, matou quatro pessoas e deixou inúmeros feridos.

O episódio é conhecido como o Massacre de 17 de Novembro e, junto com outros incidentes envolvendo violência e racismo — como a destruição do pelourinho de São Luís e as prisões e torturas que seguiram o protesto —, é descrito em *A nova aurora*, novela histórica publicada em 1913.

Uma das imagens mais recorrentes acerca da instauração do regime republicano é a do povo bestializado, apático, sem tomar posição diante do golpe de Estado que encerrara o longo reinado de d. Pedro II. Que alternativas e limites políticos e culturais uma sociedade egressa da escravidão poderia oferecer para realizar as promessas de uma cidadania sem distinção de cor, linhagem e origem social?

Astolfo Marques, um escritor negro que pensou o país a partir do velho norte agrário, lidou com esses impasses fazendo da escrita um espaço criativo em que alia pesquisa documental, relatos orais, ficção e lembranças pessoais, construindo, em *A nova aurora*, uma narrativa aberta a múltiplas vozes, que nos convida a questionar os muitos apagamentos de nossa memória republicana.

Sobre Astolfo Marques

Astolfo Marques nasceu em uma família negra livre e predominantemente feminina, em 1876. Consta que aprendeu a ler sozinho, embora tenha frequentado de maneira errática o sistema público de educação nas décadas de 1880 e 1890. Moço de vinte anos, tornou-se servente da Biblioteca Pública de São Luís, mas logo alcançou o posto de amanuense da instituição e foi um dos fundadores da Oficina dos Novos, considerada a principal agremiação literária maranhense da primeira década do século xx. Sua consagração definitiva como escritor importante veio com a criação, em 1908, da Academia de Letras, onde figura como fundador da cadeira n.º 10. Morreu prematuramente em 1918, com pouco mais de quarenta anos.

Sobre Matheus Gato

Matheus Gato é professor do Departamento de Sociologia da Unicamp. É pesquisador do núcleo Afro/Cebrap e coordenador do Bitita: Núcleo de Estudos Carolina de Jesus (IFCH-Unicamp). Foi pesquisador visitante na Princeton University e na Harvard University. É autor de *O Massacre dos Libertos: sobre raça e república no Brasil* (2020) e organizador do livro *O Treze de Maio e outras histórias do pós-abolição* (2021), que reúne contos de Astolfo Marques.

Informações para imprensa:

Gabriela Toledo
(11 98227-0770 / obaramail@gmail.com)

Informações para professor:

Mariana Mendes
(professor@chaoeditora.com.br)